

ASTRID LINDGREN

EMIL
E A
GRANDE
FUGA



Ilustrações de Tony Ross

Tradução de Marion Gorenstein



Copyright do texto © by Saltkråkan AB/Astrid Lindgren
Copyright das ilustrações © 2007 by Tony Ross

Publicado na Suécia por Rabén & Sjögren Bokförlag AB, Estocolmo. Todos os direitos estrangeiros são reservados a Saltkråkan AB, Box 100 22, SE-181 10 Lidingö, Suécia.
www.astridlindgren.net

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original: *Emil and the great escape*

Preparação: Júlia Moritz Schwarcz

Revisão: Marina Nogueira e Ana Luiza Couto

Composição: Lilian Mitsunaga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lindgren, Astrid

Emil e a grande fuga / Astrid Lindgren ; ilustrações de Tony Ross ; tradução de Marion Gorenstein. – São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2009.

Titulo original : *Emil and the great escape*.
ISBN 978-85-7406-196-2

1. Literatura infantojuvenil i. Ross, Tony. ii.Título

09-05563

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

2009

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br

Sumário

Sobre Emil

7

Terça-feira, vigésimo segundo dia
de maio, quando a cabeça de Emil
ficou presa na sopeira

15

Domingo, décimo dia de junho,
quando Emil içou Idinha
no mastro da bandeira

35

Domingo, oitavo dia de julho,
quando Emil foi a uma festa
em Hultsfred Plain

61



Sobre Emil

Era uma vez um menino chamado Emil, que morava em Lönneberga. Ele era um garoto teimoso, sempre com a cabeça no mundo da lua, não tão legal quanto você, claro, mas legal o suficiente — isso quando não estava gritando. Ele tinha olhos azuis, rosto redondo com bochechas que pareciam maçãs e uma cabeleira loira desgrenhada. Era tão bonito que as pessoas até poderiam pensar que se tratava de um anjinho. Mas elas estariam redondamente enganadas.

Ele tinha cinco anos e era forte como um touro; morava em uma fazenda chamada Katthult, em Lönneberga, uma vila em Småland, na Suécia.

Um dia seu pai foi à cidade e comprou um

boné para ele. Emil adorou o boné e queria usá-lo até para dormir. Sua mãe quis pendurar o boné em um cabide de chapéus no corredor, mas Emil gritou tanto que toda Lönneberga pôde escutá-lo. E ele dormiu com o boné por quase três semanas. Era um desses bonés com uma pala preta brilhante e uma coroa azul, e parecia sempre meio torto. Mas o importante é que Emil usava o boné do jeito dele.

Certo Natal, a mãe de Emil tentou fazê-lo comer algumas verduras, porque as verduras fazem bem, mas Emil se recusou.

— Você não vai comer
nenhuma verdura? —
perguntou a mãe.

— Vou comer, sim
— disse Emil —, mas
prefiro verduras de
verdade. — E sentou-se quieto atrás
da árvore de Natal



e começou a mastigá-la. No final acabou desistindo, porque as folhas pontudas machucavam a boca.

Bom, isso mostra como Emil era teimoso. Ele queria mandar no pai, na mãe e em toda a casa; na verdade, na cidade inteira de Lönneberga, mas os habitantes da cidade nunca concordariam com isso.

— Eu tenho pena do casal de Katthult que tem um filho tão malcomportado. Eles nunca vão conseguir que ele seja alguma coisa na vida — diziam eles.

Sim, era isso que todos pensavam! Eles nunca teriam dito uma coisa dessas se soubessem como Emil ia mudar. Imagine se soubessem que ele seria o presidente do conselho local, o que não é lá tão importante, mas era isso que Emil ia ser mais tarde.

Agora vamos falar sobre o que aconteceu quando Emil era criança e morava em Katthult, em Småland, com seu pai, Anton Svensson, sua

mãe, Alma Svensson, e sua irmã mais nova, Ida. Havia o empregado da fazenda, chamado Alfred, e uma criada chamada Lina, porque quando Emil era criança havia empregados em Löneberg e em todos os lugares. Havia campone-
ses que aravam a terra, cuidavam dos cavalos e do gado, traziam feno e plantavam batatas, e as criadas que tiravam leite das vacas e que lavavam, esfregavam e cantavam para as crianças.

Agora você sabe quem mora em Katthult: o pai Anton, a mãe Alma, a Idinha, Alfred e Lina. E havia dois cavalos e um par de bois, oito vacas, três porcos, dez ovelhas, quinze galinhas, um ga-
lo, um gato e um cachorro. E Emil.

Katthult era uma adorável e pequena fazen-
da, com uma casa pintada de vermelho no alto de uma colina, rodeada de macieiras e lilases. E campos, terras cultivadas, sebes, um lago e um lindo e grande bosque.

Katthult seria um lugar quieto e pacífico não fosse por Emil.

— Ele vive aprontando, aquele menino — disse Lina —, e, se não faz suas próprias travessuras, alguma coisa sempre acontece com ele. Eu nunca vi uma criança assim.

Mas a mãe de Emil o defendia.

— Ele não é tão mau assim — ela dizia. — Hoje só beliscou Idinha e derramou o creme do café, só isso... Ah, sim, também perseguiu o gato em volta do galinheiro. Eu acho que está começando a se comportar melhor, está crescendo e ficando menos travesso.



Ele não era mesmo má pessoa, ninguém podia dizer isso de Emil. Ele gostava muito da Ida e do gato. Mas tinha que beliscar Ida para fazê-la dar a ele seu pão com geleia e perseguir o gato só por diversão e para ver se conseguia correr tão rápido quanto ele. Embora, é claro, o gato não tenha se dado conta disso.

Foi no sétimo dia de março que Emil foi tão bom que só beliscou Ida, derrubou o creme e perseguiu o gato. Mas agora você vai ouvir sobre outros três dias na vida de Emil, quando outras coisas aconteceram, ou porque ele acordou pronto para aprontar, como falou Lina, ou porque as coisas sempre aconteciam onde Emil estava. Podemos começar com: